



Experiências de mãe sobre o aleitamento materno exclusivo

Daniela Naomi Miasiro*, Luciane Miranda Guerra, Silvana Ribeiro Roda

Resumo

Este estudo qualitativo teve como objetivo conhecer as concepções de mães sobre o aleitamento materno exclusivo. A pesquisa foi realizada com mães que participam do Centro de Pesquisas e Atendimento Odontológico para Pacientes Especiais (Cepae) da Faculdade de Odontologia de Piracicaba da Universidade Estadual de Campinas (FOP- Unicamp), que responderam a um questionário auto aplicado para sua caracterização enquanto sujeitos pesquisados. Elas foram submetidas à uma entrevista com aproximadamente 1 hora de duração cada. Devido ao isolamento social imposto desde março pela pandemia pelo COVID 19, as entrevistas aconteceram de duas formas: presencial (aquelas ocorridas antes do mês de março) e por vídeo conferência (as ocorridas após o mês de março). Os dados coletados foram analisados através da análise temática de conteúdo, na perspectiva clínico qualitativa e foram considerados os critérios de saturação para pesquisas qualitativas. Da análise das falas emergiram quatro categorias, a saber: *“o significado íntimo de amamentar para mãe”*; *“a importância do apoio, que pode ser benéfico ou que pode prejudicar”*; *medo ou tristeza pela diminuição do vínculo e da dependência do filho* e *“constrangimento por amamentar em público”*. Espera-se que o conhecimento subjacente aos sentidos e significados apreendidos possa subsidiar os profissionais da saúde na clínica para ao apoio e incentivo de mães nutrizes durante essa fase complexa e importante do desenvolvimento infantil.

Palavras chaves: Aleitamento Materno; Pesquisa Qualitativa; Relações Mãe-Filho.

Introdução

O leite materno é a melhor e mais completa fonte de alimento para um bebê. O recomendado pela Organização Mundial da Saúde é a amamentação materna exclusiva (AME) de no mínimo 6 meses, definida como quando a criança consome apenas o leite materno, sendo este diretamente da mama, ordenhado ou de outra fonte humana. Portanto, sem outros líquidos ou sólidos, exceto consumo de gotas ou xaropes contendo vitaminas, sais de reidratação oral, suplementos minerais ou medicamentos (World Health Organization, 2007).

Os benefícios do aleitamento materno, especialmente o exclusivo, estão bem esclarecidos na literatura (França et al., 2007), sendo estes relacionados com nutrição, fornecimento de anticorpos, formação de um vínculo entre mãe e filho (Faustino- Silva et al., 2008), proteção contra doenças alérgicas e digestivas, colesterolemia, diabetes melittus, e obesidade na fase adulta (Ramos et al., 2010), estimulação de estruturas bucais como língua, bochechas, osso e músculos da face

(Bervian et al., 2008). Com relação à saúde da mulher, sabe-se que há uma associação positiva entre amamentar e manifestar menos doenças como o câncer de mama, alguns cânceres ovarianos e certas fraturas ósseas por osteoporose, menor risco de morte por artrite reumatoide e outros (Rea, 2004). A prática também estimula o útero a retornar mais rápido ao normal, diminui a depressão pós-parto, reduz os riscos para diabetes tipo II após a gravidez, diminui o sangramento pós parto da mãe (Pereira et al., 2019).

A mãe faz parte de um ambiente no qual múltiplos fatores podem influenciar a amamentação. Assim, sua duração é influenciada por diversos fatores socioeconômicos, demográficos e culturais como idade, escolaridade materna, o fato de a mãe trabalhar fora de casa (França et al., 2007), crenças da mulher, valor da amamentação para a mãe, escassez de conhecimento, deturpação de informações, preparo dos profissionais de saúde e políticas públicas insuficientes (Silva et al., 2014). Intercorrências como obstrução mamária, mastite puerperal, fissura do mamilo e abscesso são condições que podem acometer as mães e interferir no processo de amamentação (Silva et al., 2014).

Levando em consideração a importância do aleitamento materno, bem como suas adversidades, o presente estudo teve como objetivo conhecer a relação das mães com a amamentação exclusiva compreendendo sentidos, barreiras e motivações que as mesmas experimentam nessa fase.

Material e Métodos

Esse estudo, de abordagem qualitativa, foi realizado no Centro de pesquisas e Atendimento para Pacientes Especiais (Cepae) da FOP-UNICAMP e remotamente (vídeo chamada). Foram entrevistadas 6 mães que participam do Cepae. O tamanho da amostra foi obtido conforme saturação teórica e o presente projeto foi aprovado pelo submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da FOP – UNICAMP. Foram incluídas no estudo mães que tenham cumprido o aleitamento materno exclusivo (6 meses de vida do bebê). Os dados foram coletados através de entrevistas individuais em profundidade, audiogravadas e transcritas na íntegra, em seguida foi realizada a análise de conteúdo clínico – qualitativa, feita e validada por pares (Gomes, 2015; Fontanella et al, 2011).

Resultados e Discussão

No presente estudo foram entrevistadas 6 mães, na faixa etária entre 30 e 41 anos, que participam do Cepae. Cinco das participantes relataram que a gravidez foi planejada e apenas uma que não foi planejada. Com base na leitura exaustiva das entrevistas foram criadas quatro categorias temáticas sobre a experiência de amamentação pela mãe nos seis primeiros meses de vida da criança: **Categoria 1. O significado íntimo de amamentar para mãe; Categoria 2. A importância do apoio, que pode ser benéfico ou que pode prejudicar; Categoria 3. Medo ou tristeza pela diminuição do vínculo e da dependência do filho; Categoria 4. Constrangimento em amamentar em público.**

Sem deixar de lado a importância biológica da amamentação e o discurso biomédico de saúde do bebê, as mães deste estudo associaram o significado da amamentação com uma sensação de maior intimidade com o bebê, ressaltando aspectos subjetivos e sociais, numa comunicação psicossocial.

Sobre a categoria 1: *O significado íntimo de amamentar para a mãe*, estas citaram a amamentação como um momento especial entre mãe e filho, de conforto e carinho. O período sensível materno é um momento logo após o parto, no qual se desenvolve um afeto ao bebê e que se inicia uma série de eventos sensoriais, fisiológicos, imunológicos, hormonais e comportamentais, que influenciam a instauração e a duração da amamentação (Bizon, 2018). O sucesso da amamentação desperta na puérpera um vínculo intenso com o filho e de satisfação como mãe e mulher (Junges et al, 2010). Numa visão psicoafetiva, esse contato é um processo de profunda interação com a criança, leva ao fortalecimento da autoconfiança e traz satisfação à mulher; faz aflorar sentimentos prazerosos de afeição com o filho e torna a nutriz mais responsiva aos sinais do filho durante os momentos de interação (Rocha et al., 2018).

A escolha em amamentar exclusivamente com leite materno está inserida em um contexto sociocultural. É influenciada pelas relações pessoais e de familiares (Junges et al, 2010), pelas pessoas que circundam a mãe, pelas redes sociais, pela cultura, pelas crenças e pelos tabus (Fujimori et al, 2010). Todas as mães entrevistadas neste estudo citaram o apoio ou situações com amigos, familiares e profissionais de saúde que influenciaram, direta ou indiretamente, no seu processo de amamentação sendo principalmente citados o pai da criança, os avós e os profissionais da saúde. A fala dos familiares íntimos e dos avós pode favorecer ou não o aleitamento materno, por meio de suas experiências e informações pessoais (Capucho et al, 2017). Estudo demonstra que há relação entre o pai apoiar com intensidade a amamentação e residir junto com a criança com a duração da prática (Sales e Seixas, 2008). Contudo, comprovou-se também que a presença dos avós pode influenciar negativamente na duração da amamentação e que nutrizas que tiveram contato diário com suas mães apresentaram maiores chances de abandonar o aleitamento materno nos primeiros seis meses de vida da criança (Susin et al, 2005). No presente estudo é a clara influência dos profissionais de saúde, especialmente do pediatra e do enfermeiro na amamentação. O suporte feito pelos profissionais de saúde através de apoio e orientações desde o nascimento do bebê até a alta da maternidade são primordiais para o início e estabelecimento do aleitamento materno exclusivo (Bizon, 2018).

Algumas mães citaram o desmame ou a hipótese de desmamar como uma situação de tristeza, abandono, afastamento e até diminuição do vínculo com o filho e que quando isso ocorreu (ou quando for ocorrer, no caso daquelas que ainda amamentam) será quando o filho não quiser mais, ou a possibilidade de outro filho ou o retorno ao trabalho. Em certas situações a ligação mãe-bebê, que é acentuada durante a prática da amamentação natural, pode se tornar tão intensa que pode dificultar o processo, igualmente natural, de desmame (Carrascoza et al, 2011). Na categoria 3, percebe-se nas falas um simbolismo de perda ou luto por uma eventual

perda de uma conexão com o bebê. A mulher moderna vivencia a situação confusa de ser trabalhadora e mãe, o que muitas vezes dificulta ou impossibilita conciliar o aleitamento materno exclusivo com o retorno ao trabalho (Alves, 2019). A amamentação é um processo que termina com o desmame. A maneira ideal para o fim dessa prática é ocorrer de forma natural, gradual, com a criança ganhando maturidade para o auto desmame, sem pressa ou pressão de amigos e familiares (Cruz et al., 2017).

Algumas das entrevistadas citaram o desconforto de amamentar em público em razão dos “olhares das pessoas” e questões pessoais com o corpo. O tabu social de amamentar em público, com o seio a mostra, é um aspecto que colabora para os baixos índices da amamentação (Meyer et al., 2019). Estudo feito em 2012 apontou sentimento de insegurança das mães associada a vergonha pela exibição do seio ao amamentar em público, condições insalubres para a ordenha do leite no local de trabalho, inflexibilidade no cronograma, quantidade excessiva de trabalho, não aprovação dos colegas de trabalho, influenciando negativamente a continuidade da amamentação (Silva et al, 2012). Neste sentido, é importante a criação de um novo modelo de atenção, que respeite o direito das mulheres de decidirem sobre suas mamas e corpos, e saber que estas estão inseridas em diferentes culturas, contextos e redes sociais.

Conclusão

Após análise compreensiva dos depoimentos das mães, é possível dizer que cada uma vive a amamentação de maneira diferente, individual e de modo particular. É muito importante que as instituições de saúde qualifiquem os profissionais envolvidos com a amamentação para que estejam preparados para lidar com os obstáculos encontrados pelas nutrizas, para que identifiquem as mudanças do amamentar e suas diferenças ao longo das gerações, que incluam os pais nas atividades educativas e assim, promovam essa prática e melhorem a rede de apoio durante todo o processo dentro do contexto social de cada família. Nesse sentido, o presente estudo oferece subsídios importantes para que os profissionais de saúde, na prática clínica, possam lidar e manejar os diferentes obstáculos apresentados pelas nutrizas, os quais podem ser dificultadores do aleitamento materno exclusivo.

Agradecimentos

- Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela concessão da bolsa de Iniciação Científica.
- Ao Cepae – FOP-UNICAMP pela permissão e apoio a essa pesquisa.

Bervian J, Fontana M, Caus B. Relação entre amamentação, desenvolvimento motor bucal e hábitos bucais - revisão de literatura. RFO, v. 13, n. 2, p. 76-81, maio/agosto 2008

Bizon AMBL, Influência das práticas de incentivo e apoio à amamentação em maternidades na prevalência do aleitamento materno exclusivo no primeiro mês de vida do bebê. Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e do Adolescente, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, para obtenção do título de mestre, Porto Alegre, Brasil. 2018.

Bizon AMBL, Influência das práticas de incentivo e apoio à amamentação em maternidades na prevalência do aleitamento materno exclusivo no primeiro mês de vida do bebê. Dissertação do

Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e do Adolescente, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, para obtenção do título de mestre, Porto Alegre, Brasil. 2018.

Capucho, Lorena Bassi, et al. "Fatores que interferem na amamentação exclusiva." *Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde/Brazilian Journal of Health Research* 19.1 (2017): 108-113.

Carrascoza KC, Possobon RF, Costa-Júnior ÁL, Moraes ABA. Aleitamento materno em crianças até os seis meses de vida: percepção das mães. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 21 [3]: 1045-1059, 2011.

Cruz NM, Melo MCP, Silva LS, Silva SPC. Vivência das mães na transição para o desmame natural. *Arq. Ciênc. Saúde*. 2017 jul-set; 24(3) 19-24.

Faustino-Silva DD, Lima DL, Rosito DB, Ribeiro SMF, Figueiredo MC. Percepções e saberes de um grupo de gestantes sobre aleitamento materno – um estudo qualitativo. *RFO*, v. 13, n. 2, p. 7-11, maio/agosto 2008.

Fontanella BB, Ricas J, Turato ER. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 24(1):17-27, jan, 2008.

França GVA, Brunken GS, Silva SM, Escuder MM, Venancio SI. Determinantes da amamentação no primeiro ano de vida em Cuiabá, Mato Grosso. *Rev Saúde Pública* 2007;41(5):711-18

Fujimori E, Nakamura E, Gomes MM, Jesus LA, Rezende MA. Aspectos relacionados ao estabelecimento e à manutenção do aleitamento materno exclusivo na perspectiva de mulheres atendidas em uma unidade básica de saúde. *Interface comun. saúde educ*. 2010;14(33):315-27

Gomes MCA. Violência, Intolerância e Corpo Feminino: Analisando as reações discursivas na mídia em torno da prática de amamentação. *Cadernos De Linguagem E Sociedade*, 18(2), 175-194.

Junges CF, LB Ressel, Budó MLD, Padoin SMM, Hoffmann IC, Sehnem GD. Percepções de puérperas quanto aos fatores que influenciam o aleitamento materno. *Rev Gaúcha Enferm.*, Porto Alegre (RS) 2010 jun;31(2):343-50.

Meyer ABP, Dantas RDS. (2019). Benefícios e Dificuldade da amamentação: Uma revisão de Bibliográfica.

Pereira EB, Maciel AMB, Mendes AT, Cruz IL, Coura LBM, Coura PE. Benefícios da amamentação para a saúde da mulher e do bebê. *Jornada Odontológica de Anápolis (JOA)-UniEVANGÉLICA- Anápolis-GO*. 2019.

Ramos CV, Almeida JAG, Saldiva SRDM, Pereira LMR, Costa Alberto NSM, Teles JBM, Pereira TG. Prevalência do Aleitamento Materno Exclusivo e os fatores a ele associados em crianças nascidas nos Hospitais Amigos da Criança de Teresina – Piauí. *Epidemiol. Serv. Saúde*, Brasília, 19(2):115-124, abr-jun 2010

Rea MF. Os benefícios da amamentação para a saúde da mulher. *J. Pediatr.* (Rio J.) vol.80 no.5 suppl. Porto Alegre nov. 2004

Rocha GP, Oliveira MCF, Ávila LBB, Longo GZ, Cotta RMM, Araújo RMA. Condicionantes da amamentação exclusiva na perspectiva materna. *Cad. Saúde Pública* 34 (6) 03 Set 2018.

Sales CM, Seixas SC. Causas de desmame precoce no Brasil. *Cogitare Enfermagem*, vol. 13, núm. 3, julio-septiembre, 2008, pp. 443-447. Universidade Federal do Paraná Curitiba - Paraná, Brasil

Silva Ac, Barbosa D, Rejane M. Mulher trabalhadora fatores que interferem na amamentação: revisão integrativa. *Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste*, vol. 13, núm. 5, 2012, pp. 1208-1217.

Silva NM, Waterkemper R, Silva EF, Cordova FP, Bonilha ALL. Conhecimento de puérperas sobre amamentação exclusiva. *Rev. bras. enferm.* vol.67 no.2 Brasília Mar./Apr. 2014

Susin LRO, Giugliani ERJ, Kummer SC. Influência dos pais e das avós no aleitamento materno. *Rev. Saúde Pública* vol.39 no.2 São Paulo Apr. 2005.

World Health Organization (WHO) Indicators for assessing infant and young child feeding practices. Conclusions of consensus meeting held 6-8 November 2007.